

educação

BENJAMIM VIDEIRA PIRES, UM EDUCADOR PORTUGUÊS EM MACAU

*António Aresta**

Benjamim Videira Pires¹ foi inquestionavelmente uma das personalidades mais marcantes da vida cultural de Macau na segunda metade do presente século.

Um erudito discreto, afável e tolerante, será este, talvez, o emblema personalista de uma vida inteiramente consagrada à missão, ao estudo da história de Macau, ao estudo da história da presença por-tuguesa no Extremo-Oriente, à criação literária ou à sinologia.

Na vastidão da sua obra, na esteira da melhor tradição intelectual dos jesuítas, cuja publicação ainda está em curso, encontra-se um humanismo compreensivo na análise da pluralidade civilizacional², bem como o pioneirismo e a originalidade na abordagem de algumas temáticas complexas³ da história de Macau.

Mas, é à sua faceta de Educador, bem menos conhecida, que lhe dedico estas linhas que as circunstâncias da vida fazem com que sejam póstumas. O trabalho educativo de Benjamim Videira Pires foi extraordinário e, como todos os trabalhos educativos, foi vivido intensamente num dia a dia repartido por inúmeras tarefas e solicitações, sem abandonar os caminhos eruditos de uma investigação metódica e sistemática.

A realidade educacional de Macau estava condicionada por factores históricos e políticos, cabendo ao governo português de Macau cerca de dez por cento dos estabelecimentos de ensino e à iniciativa parti-

* Licenciado em Filosofia Investigador.

¹ Natural de Torre de D. Chama, Mirandela, (1916-1999). Para uma visão global da sua obra veja-se o catálogo (muito incompleto) bibliográfico «Benjamim Videira Pires, SJ», edição da Biblioteca Central de Macau/Instituto Cultural de Macau, 1992, 36 pp. Consulte-se, com proveito, o estudo de Aureliano Barata, «Missionários de Bragança no Oriente», *Brigantia*, vol. XVIII, n.º 3-4, Junho/Dezembro, 1998, pp. 95-109. Ignoramos se a Câmara Municipal de Mirandela já prestou homenagem a este filho ilustre.

² Lapidar a todos os títulos a obra «Os Extremos Conciliam-se», edição do Instituto Cultural de Macau, 1988, 215 pp., da qual existe uma tradução na língua chinesa.

³ Por exemplo, «O Foro do Chão», 1962.

cular a esmagadora maioria de noventa por cento. O governo tutelava o ensino oficial no contexto da política ultramarina, tendo o ensino particular completa independência.

Benjamim Videira Pires aporta a Macau em Novembro de 1948. Viviam-se anos difíceis por causa das sequelas da Guerra do Pacífico e Macau, milagrosamente neutral, estava literalmente inundada de refugiados. Em tempos normais, os fluxos migratórios chineses conduziam a Macau imensa gente em busca de melhores condições de trabalho e de vida. Assim, à demanda escolar não se verificava a correspondente oferta de estabelecimentos de ensino. Este é, aliás, um problema histórico dado que o ensino em Macau foi iniciado pela Companhia de Jesus em 1566, com o beneplácito e alheamento do governo. Devido à ausência de um ensino oficial, as crises políticas (expulsão dos jesuítas em 1762 ou a extinção das ordens religiosas pelo liberalismo em 1834) determinaram a supressão quase total do ensino religioso, o único existente. A primeira Escola Régia é criada em 1775 nela sendo provido o Professor José dos Santos Baptista e Lima, iniciando-se a genealogia das escolas civilistas e oficiais em Macau.

Na actualidade, a correlação de forças permanece quase inalterável: dez por cento das escolas são oficiais e noventa por cento são privadas. Mais de metade do ensino privado está sob a égide da Igreja Católica.

Preocupado com a qualidade do ensino e procurando recolocar a Companhia de Jesus na liderança da excelência educacional, Benjamim Videira Pires funda o Instituto D. Melchior Carneiro no dia 4 de Setembro de 1961, exclusivamente orientado para a comunidade chinesa⁴.

Recorde-se que «em 1954, a Diocese tinha em Macau 28 escolas com 700 alunos. Em 1964, graças sobretudo à acção de D. Policarpo da Costa Vaz (1954-1960) e D. Paulo José Tavares (1961-1973), as escolas subiam a 412 e os seus alunos a 22 0z00»⁵.

A estes nobres propósitos subjaz uma enorme afeição a Macau que considera como também sendo a sua terra. Atente-se neste poema escrito dois anos depois de aí ter chegado⁶:

«Macau

Macau, de igrejas e ermidas
Voltadas ao mar profundo
Foste o guião da Cruzada De
Portugal pelo mundo...

⁴ Não sendo um colégio jesuíta no sentido tradicional, nem o poderia ser em Macau, detecta-se na sua filosofia organizacional essa matriz. Veja-se, José Manuel Martins Lopes SJ, «Projecto Educativo dos Colégios da Companhia de Jesus», edição do Apostolado da Oração, Braga, 1997, 196 pp.

⁵ Benjamim Videira Pires, «Desenvolvimento Moderno do Ensino», in «Os Extremos Conciliam-se», p. 204, Instituto Cultural de Macau, 1988.

⁶ Transcrito em «De Longe à China», Org. de Carlos Pinto Santos e Orlando Neves, vol. 4, pp. 1391-1393, Instituto Cultural de Macau, 1996.

Lembra um campo de papoilas
A Rada cheia de velas;
E o sol espalha-se em riso,
Ao dar em tuas janelas.

Macau, mirante de sonho,
Com longínquos horizontes,
Quantas façanhas se escondem
Nas repregas dos teus montes!

As ilhas que te rodeiam
São um colar de cristal
Para o marfim do teu busto
De princesa oriental.

Macau, das cercas floridas
A cantar à luz do dia,
De noite, embala-te o sono
O berço da ventania.

Parece, à luz do poente,
A tua figura esbelta
Um bago que se desprende
Do cacho de ilhas em Delta.

Macau, dos hotéis e barcos
Sempre em adeus e em viagem,
Nas águas da Praia Grande
Revês-te em tua miragem.

Aquarela impressionista
De ruas que são bazares;
Adejam pregões e pombas,
De mistura, pelos ares...

Macau, padrão glorioso Da
descoberta final...
E se mais mundos houvera,
Lá chegara Portugal!

Camões, soldado e poeta,
Vigia a noite calada :
Uma das mãos toca a lira
E a outra segura a espada.

Macau, da névoa infinita
E das noites de luar,
És caravela perdida
Nas ondas mortas do mar.

As Ruínas de S. Paulo,
Voltadas ao mar sem fim,
Lembram a face de Cristo,
No sudário de Turim...

Macau, dos montes suaves,
Em cada monte uma ermida
O manto azul de Maria
Seja o Céu da tua vida!

Senhora, do alto da Guia,
Avistais o bom e o mau:
Na hora incerta que passa,
Sede a Estrela de Macau».

Esta verdadeira cartilha de afectos e de sensibilidades irá ser determinante na modelação do educador e do seu projecto educativo. Quem conhece realmente Macau estará em condições para apreender a cosmovisão plural que exala do poema porque, como observava o pensador indiano Krishnamurti⁷, quando o conhecimento se torna muito importante a aprendizagem torna-se uma contradição, um raciocínio sibilino que ajuda a evidenciar as marcas contrastivas entre o Ocidente e o Oriente.

Vejamos, então, como nasce o projecto educativo carismaticamente apelidado de Instituto D. Melchior Carneiro⁸, recorrendo ao circuns-tanciado depoimento que concedeu ao historiador Monsenhor Manuel Teixeira⁹: «Esta unidade escolar foi fundada pelo Padre Benjamim An-tónio Videira Pires, SJ, no dia 4 de Setembro de 1961, com 41 alunos na 1.^a classe do curso primário e 1 Professora, no rés-do-chão alugado da casa n.º 29 da Rua Pedro Nolasco da Silva. Em 1962 (Julho) trasladou-se a Escola para o edifício n.º 41 da Calçada das Verdades tendo a frequência subido imediatamente para 223 alunos em Setembro desse ano, assistidos por 7 professores. As classes eram seis: 2 da pré-primária e 4 da primária. Em 1963 construíram-se mais 4 salas de aulas, graças a dois subsídios: um da Província Portuguesa da Companhia de Jesus (US \$ 6 800.00 dólares) e outro da Sociedade de Turismo e Diversões de Macau (US \$ 1 800.00 dólares), podendo assim os alunos ascender a 350, atendidos por 9 professores. Em 1964, o Governo de Macau cedeu gratuitamente um terreno baldio com a área de 1900 me-

⁷ Krishnamurti, «On Education», Krishnamurti Foundation Índia, p. 102, Madras, 1974.

⁸ Melchior Carneiro (ou Belchior Carneiro), Bispo de Nicea e Vigário Apostólico na China e no Japão, Bispo de Macau em 1583, sendo apontado como o fundador do Leal Senado de Macau. O Banco Nacional Ultramarino, na sua qualidade de banco emissor, colocou em circulação notas com a sua effigie, respectivamente de 10 Patacas (1963) e de 500 Patacas (1963).

⁹ «A Educação em Macau», edição da Direcção dos Serviços de Educação e Cultura, Macau, 1982, pp. 355 e seguintes.

tros quadrados e atribuiu uma comparticipação de 50 000 patacas, con-seguindo-se que o número de alunos chegasse a 520, com 13 professo-res. Em Junho de 1965, 21 estudantes completavam o 6.º ano da sua educação primária. Subsídios de Roma (US \$ 5 000 dólares), de Paris (US \$ 1 000 dólares) e de Hong Kong (6 000 patacas) tornaram possível, em Agosto e Setembro de 1965, a construção doutras 4 salas de aula e o conseqüente aumento de alunos para 586, com 14 professores. Em 1966, com o auxílio do governo de Macau, adquiriu-se o casebre da Travessa do Penedo n.º 8-10, que se demoliu, erguendo-se no seu terreno por 14 000 dólares americanos um bloco de três andares. Deste modo, no ano escolar de 1966-1967, o Instituto pôde ser frequentado por 660 estudantes, nos cursos pré-primário e primário, e 18 alunos no 1.º ano do curso secundário, sendo os professores 19. Em 1968 construíram-se outras 4 salas de aula (duas das quais em estrutura de madeira, que foram utilizadas durante dez anos) graças a donativos particulares. Em 1969, o Governo de Macau obteve-nos no antigo Pátio da Indigência (hoje, Travessa de S. Paulo) n.º 1-A, um velho horto com 2 600 metros quadrados pelo preço de 89 000 patacas. O mesmo Governo atribui-nos 82 000 patacas, a Congregação da Propaganda da Fé (Roma) contribuiu com 7 000 dólares americanos, o Comissário das Nações Unidas para os Refugiados com 20 000 dólares e a Diocese de Macau com 25 000 patacas. Com estes subsídios e mais umas modestas achegas, entre as quais avulta a do Banco Nacional Ultramarino, na importância de 15 000 patacas, ergueu-se o primeiro grande bloco destinado ao Curso Secundário e à Secção Comercial e inaugurado solenemente aos 22 de Dezembro de 1960. O número de estudantes que em 1968 era de 920 com 26 professores atingiu no ano escolar de 1969-1970 o belo número de 1 100 atendidos por 36 professores. No ano escolar de 1970-1971 tivemos 1 225 alunos assim distribuídos: Curso Comer-cial 46, Secundário 108, Primário 836, Infantil 245. Em Setembro de 1972 os alunos subiram a 1264 com 45 professores e assim divididos: 215 na Escola Secundária, 1003 na Infantil e Primária e 45 na Comercial. Em Dezembro de 1974, os alunos foram 1 300, com 48 professores: na Primária e Infantil 1005, Secundária 230 e Comercial 65. No ano lectivo de 1975-1976 — décimo quinto aniversário da fundação da Escola — a frequência dos alunos foi a seguinte: Pré-Primária 180, Primária 700, Secundária 381 e Comercial 66. Total: 1327 alunos e 50 Professores. Desde 5 de Outubro de 1971 a 30 de Outubro de 1973 construiu-se o maior bloco do Instituto que custou, com a mobília, um milhão e oitocentas mil patacas. O Governo de Macau comparticipou com uma verba de \$ 88 526,31 patacas bem como com a soma de \$ 25 000 patacas do Instituto Social de Assistência Pública para o apetrechamento do Dispensário Médico do Instituto. Nos três anos lectivos de 1976 a 1979 a frequência das secções pré-primária e primária diminuiu bastante devido à pobreza das instalações e à insalubridade do matagal do Monte, gerador de mosquitos. Sempre, porém, o número global dos alunos se manteve ligeiramente acima de 1000. Com uma

generosa participação do Governo de Macau (770 000 patacas) e um subsídio dos filhos do comendador Kou Ho Neng em memória do seu pai (200 000 patacas) reconstruiu-se em moldes modernos a escola pré-primária e a creche, inauguradas, respectivamente aos 15 de Setembro de 1980 e no dia 21 de Setembro de 1981. No ano lectivo de 1981-1982, a situação dos alunos e professores era a seguinte: Professores (incluindo 2 médicos, 2 enfermeiras e o condutor) 53; empregados 12; alunos na Comercial 45; Secundária 405; Primária 542; Pré-Primária 143; Creche 25. Total: 1160 alunos. (...) Desde 1971, cerca de um quinto dos alunos finalistas de *Form VI* seguiram para a Formosa (Taiwan), Hong Kong, Inglaterra e Estados Unidos para continuar os seus estudos e formaram-se já, com carreiras superiores, mais de 50».

Esta impressionante trajectória ascensional do Instituto D. Melchior Carneiro ficou a de ver-se à inquebrantável vontade do Padre Benjamim Videira Pires, SJ que mobilizou uma apreciável rede de solidariedade institucional e internacional, graças à nobreza dos objectivos e à qualidade francamente meritória do ensino e da educação ministradas.

O Instituto D. Melchior Carneiro continua a desenvolver-se, possuindo na actualidade 3 blocos, 62 salas de aula, um ginásio-teatro, uma biblioteca, um laboratório de Física e Química, um de Ciências Naturais, para além de outras instalações e áreas desportivas, servindo 2134 alunos¹⁰.

Dado que o Instituto D. Melchior Carneiro está ao serviço da comunidade chinesa, o seu funcionamento, a sua organização curricular e os métodos de trabalho são, naturalmente, diferentes daqueles seguidos nos estabelecimentos de ensino sob a alçada do sistema educativo português.

O ensino pré-primário «consta de dois anos e nele se ministram além dos elementos de ambientação social as bases da língua chinesa, aritmética, inglês, canto, dança e trabalhos manuais. O curso primário dura seis anos, seguindo-se os programas adoptados em Hong Kong. Os Professores tanto da Pré-Primária como da Primária são todos diplomados nas Escolas de Magistério Chinesas deste Território. O curso secundário tem também seis anos seguindo-se igualmente os programas de Hong Kong e da Formosa. Os Professores do curso secundário são praticamente todos diplomados em Universidades. O curso comercial tem 2 anos (nos primeiros anos tinha 3), com as matérias de guarda-livros, contabilidade, correspondência comercial, português elementar, dactilografia e inglês geral. Com a proliferação de cursos comerciais em muitas escolas de Macau o número de alunos é, por força, limitado. O ano escolar no Instituto divide-se em dois períodos: o primeiro vai

¹⁰ No roteiro «Estabelecimentos de Ensino de Macau» existe uma ficha caracterizadora do Instituto D. Melchior Carneiro, onde se pode observar a planta de localização, a área do terreno (4 500 metros quadrados), a área de implantação (2 300 metros quadrados), a área de construção (5 129 metros quadrados), entre outros dados com interesse, pp. 230-231, edição bilingue (português e chinês) da Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1994.

de Setembro, inclusive, a fins de Janeiro; e o segundo período vai de Fevereiro a fins de Junho. Cada período consta de 21 ou 22 semanas de aulas, com exames de 7 em 7 semanas e respectivas distribuições de notas ou qualificações. Há ainda repetições frequentes das matérias. As terceiras 7 semanas do segundo período reservam-se à repetição geral da matéria que constitui o programa do exame final. Os compêndios escolares para cada ano escolar dividem-se por isso em dois volumes, com a disciplina escalonada a fim de facilitar as provas bimestrais e do período. Durante o mês inteiro de Julho, funciona, apenas da parte da manhã o Curso de Verão, que é obrigatório para os alunos novos e os que reprovaram nalguma disciplina. As disciplinas repetidas neste curso, que dispõe de textos próprios, são apenas as mais importantes para o futuro dos alunos: matemática, ciências, literatura e inglês. O chinês (cantonense e mandarim) é a língua primária do Instituto para o Curso Geral e o inglês a secundária. No Curso Comercial, o inglês passa a ser a língua primária e o chinês e o português ocupam o de veículos secundários de instrução. A utilidade da vida e o meio marcam para os alunos, todos chineses, essa ordem de prioridades. No Natal e no Ano Novo ocidental há 5 dias de férias; no Ano Novo Lunar, que ocorre geralmente em princípios de Fevereiro, 10 dias; na Páscoa, 4. O mês de Agosto é inteiramente de férias, recomeçando o ano escolar nos primeiros dias de Setembro»¹¹.

Através desta descrição sumária podem detectar-se algumas das debilidades estruturais que enfermam o ensino particular em Macau, não fugindo o Instituto D. Melchior Carneiro à regra. Desde logo avulta o excessivo número de alunos por turma, uma média de 40 a 60 alunos, o que inviabiliza uma relação pedagógica proficuamente normal; as deficiências na formação académica e profissional do corpo docente; a total dependência de modelos curriculares e compêndios estrangeiros pouco ou nada adaptados à realidade de Macau; a independência de cada escola faz com que cada escola seja um sistema educativo próprio, o que traz previsíveis dificuldades de acreditação de habilitações ou cursos. Esta realidade profundamente caótica foi finalmente regula-mentada na segunda metade da década de noventa com a reforma curricular do ensino em língua veicular chinesa e portuguesa¹², com o estatuto das instituições educativas particulares¹³, com o plano de contabilidade das instituições educativas particulares¹⁴, licenciamento e fiscalização dos centros de apoio pedagógico complementar particulares¹⁵, entre outros instrumentos jurídicos importantes.

O ensino e a difusão da língua e cultura portuguesas ocupou sempre um lugar modesto na organização curricular das escolas particula-

¹¹ Idem, op. cit, p. 358.

¹² Decretos-Lei n.º 38/94/M, n.º 39/94/M e n.º 46/97/M.

¹³ Decreto-Lei n.º 38/93/M.

¹⁴ Decreto-Lei n.º 63/93/M.

¹⁵ Decreto-Lei n.º 38/98/M.

res. No Instituto D. Melchior Carneiro, «embora os alunos sejam todos chineses estabeleceu-se o ensino da língua portuguesa, com 3 aulas semanais no Curso Comercial em regime de obrigatoriedade e outras 3 aulas no ciclo superior do Curso Secundário em regime voluntário. Usam-se neste ensino compêndios feitos pelo falecido Monsenhor António Ngan e outros métodos. Os resultados, porém, não são animadores pois não se dispõe de tempo para mais horas de aulas e o gabinete de línguas não existe»¹⁶. Refira-se, a talhe de foice, que Monsenhor Ngan¹⁷ foi um erudito sinólogo e filólogo, hoje injustamente esquecido.

Mas, qual é a organização da vida académica e escolar? Em todas «as disciplinas há exercícios escolares semanais para fazer em casa e apresentar na próxima aula. É este o trabalho mais intensivo dos alunos e dos professores que devem corrigir os temas ou tarefas no mesmo dia em que lhe são entregues e restitui-los. Os mesmos exercícios são ainda fiscalizados e revistos pela Prefeitura de Estudos. Três vezes por período há competições de literatura, matemática e caracteres chineses, afixando-se em local patente o quadro de honra das três melhores composições de cada matéria e de cada ano. No 5.º e 6.º anos da Primária e no Curso Secundário há em cada período campeonatos de *basket*, *volley*, *foot-ball* e *ping-pong*. Os prémios literários e desportivos são distribuídos na festa de encerramento do ano escolar no fim de Junho ou no primeiro dia útil de Julho. Uma vez por ano, em meados de Março, há três dias de Festival de Atletismo no Campo Desportivo de Lin Fông. O sexto ano da primária e todos os anos da secundária estão organizados em clubes (da «Constância», da «Coragem», da «Virtude», etc.) com reuniões periódicas, competições desportivas e uma festa do aniversário da fundação que consta de bazar e beberete»¹⁸.

Eis, em traços muito gerais, a apresentação do Instituto D. Melchior Carneiro, a magna obra educativa do Padre Benjamim Videira Pires, SJ. Um pequeno embrião de uma escola que se transformou numa das maiores e mais procuradas escolas privadas de Macau, disputando com o Colégio Yuet Wah (salesiano) a primazia da excelência educativa. Animado pelo espírito de missão e com uma notável coerência de objectivos, bem poderia ter tomado para si esta bela divisa de Makarenko¹⁹, «Eu professo uma fé sem limites, temerária e sem reservas, na imensa potência do trabalho educativo». Desaparecido o seu fundador, director e mentor o Instituto D. Melchior Carneiro continua imparável e preparado para enfrentar os desafios do novo século que abre um novo milénio.

¹⁶ idem, op. cit., p. 361.

¹⁷ Monsenhor António André Ngan é o autor do mais antigo «Método de Português para uso das Escolas Chinesas», cuja longevidade editorial chega aos nossos dias, em cinco fascículos, edição da Imprensa Oficial de Macau.

¹⁸ Idem, p. 359.

¹⁹ Citado em Mário A. Manacorda, «História da Educação», p. 316, Cortez Editora, S. Paulo, 6.ª edição, 1997.

ANEXO

REGULAMENTO DO INSTITUTO D. MELCHIOR CARNEIRO

REGRAS GERAIS

1. Os alunos têm de chegar a horas à escola. Não podem chegar atrasados, sair das aulas mais cedo ou sair da escola sem autorização.
2. Os alunos são obrigados a usar o uniforme da escola, devidamente limpo e bem passado. Têm de ter boa reputação.
3. Caso os alunos faltem às aulas os pais devem escrever no caderno de sumários a causa da ausência e a respectiva data, assinando. O caderno deverá depois ser entregue ou ao director de turma ou na secretaria. Em caso de doença é obrigatório justificar as faltas com atestado médico, ou as faltas serão injustificadas.
4. Os trabalhos de casa são marcados no caderno de sumários de vendo ser apresentados na aula seguinte.
5. Se o aluno não apresentar os trabalhos de casa no dia marcado, terá de o fazer na próxima aula sem falta.
6. Durante as aulas os alunos devem permanecer sentados e não conversar uns com os outros. Não podem sair da sala sem autorização do Professor.
7. Os alunos não podem usar linguagem imprópria, não devem ter maus hábitos na escola e não podem contrariar as regras da escola.
8. Em caso de ausência aos testes ou exames os alunos tem de combinar com o professor da disciplina uma nova data para a realização das provas.
9. Os alunos têm de cumprir as regras dos exames e seguir as instruções do professor vigilante, não podendo cometer fraudes durante estes ou nos testes.
10. Os alunos não devem ser mal educados para os professores.
11. Os alunos devem respeitar os Pais e ter bons hábitos de comportamento.
12. Os alunos só podem trazer para a escola o material escolar, os cadernos e os livros autorizados.
13. Os alunos têm de respeitar os colegas. As lutas entre alunos são proibidas.
14. Durante a oração de início e fim das aulas, nas aulas de «Apos tolado da Oração» e nas de «Trabalho de Aperfeiçoamento» os alunos devem manter-se em respeito.

LOUVORES E CASTIGOS

1. Os alunos com bom desempenho, bom comportamento e bom aproveitamento serão seleccionados pelos directores de turma e a secção de apoio. O director da escola, em reunião especial, anuncia os alunos a quem foi atribuída boa classificação em comportamento.

2. A base da classificação de comportamento será «B». Se o aluno agir contra as regras da escola ser-lhe-á atribuída pelo director de turma má classificação em comportamento.

3. Se o aluno tiver «D» em comportamento, o director de turma e a secção de apoio farão uma reunião com os pais. Se tiver classificação «E» a escola informará directamente os pais.

4. Em caso de desrespeito grave pelas regras da escola, o director de turma e a secção de apoio convocarão uma reunião especial, entre gando antecipadamente ao director da escola a participação sobre o comportamento do aluno. O aluno pode ter uma pena de suspensão das aulas de 1 a 3 dias. A escola deve avisar os pais do castigo atribuído antes que este seja aplicado. Se perseverar nas faltas cometidas, o aluno será castigado com 7 dias de suspensão. Após o regresso às aulas ficará sob observação do director de turma e da secção de apoio.

5. Aos alunos que, apesar dos castigos referidos no número anterior continuarem a agir contra as regras da escola será movido um processo disciplinar convocando-se para o efeito uma reunião com a secção de apoio, os directores de turma e a associação de pais. A conclusão a que chegarem será comunicada ao director da escola que a sancionará. O castigo máximo poderá ser a expulsão do aluno.

6. Se o aluno praticar actos de mau comportamento não previstos no regulamento da escola, a secção de apoio em conjunto com os directores de turma decidirão sobre os castigos a aplicar.

7. Caso o aluno se emende ser-lhe-á dada uma classificação melhor em «comportamento».

8. Se o aluno melhorar o seu comportamento, obtendo boa classificação em comportamento, a pena disciplinar poderá ser cancelada.

9. A escola reserva-se o direito de em qualquer altura rever as regras existentes.

TRANSIÇÃO E RETENÇÃO

1. Jardim Infantil

Se o aluno não obtiver aprovação numa ou mais das disciplinas principais (Língua Chinesa, Língua Inglesa e Conhecimento dos Números) fica retido. Se não obtiver aprovação numa das disciplinas de aprendizagem da escrita, tem de frequentar o Curso de Verão. Se no fim deste não obtiver aprovação fica retido.

2. Ensino Primário

Se o aluno reprovar em quatro ou mais disciplinas fica retido. Se o resultado final for de reprovação a uma, duas ou três disciplinas tem de frequentar o Curso de Verão. Se no fim deste não obtiver aprovação fica retido.

3. Ensino Secundário

Se o resultado final for de reprovação em cinco ou mais disciplinas o aluno fica retido. Se as reprovações forem a uma, duas, três ou quatro disciplinas, tem de frequentar o Curso de Verão. Se no fim deste não obtiver aprovação ficará retido.

Observação

Em casos especiais, a secção de apoio e os professores da turma realizarão uma reunião especial para análise da classificação dos alunos.

